



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



MODELO LARANJA – PROJETO DE PESQUISA

Floresta Viva: Entre a Flora da Mata Atlântica e o Imaginário

Ana Cecília Bessi Gonçalves de Oliveira¹

O projeto Floresta Viva investiga o livro ilustrado como dispositivo artístico capaz de articular arte, ciência e educação ambiental, tendo como objetivo desenvolver um livro ilustrado que mobilize a criação de seres fantásticos inspirados na flora da Mata Atlântica como estratégia para aproximar o público de conhecimentos científicos sobre a biodiversidade brasileira. Ao compreender a ilustração como uma linguagem capaz de produzir conhecimento, e não apenas de representar ou complementar conteúdos, a pesquisa busca ampliar as possibilidades de diálogo entre diferentes campos do saber, propondo experiências de aprendizagem que integrem imaginação, sensibilidade e investigação científica.

Logo, o livro é concebido como um espaço de encontro entre diferentes formas de conhecer, no qual a fantasia atua como mediadora da observação da natureza e da construção de vínculos afetivos com o ambiente, visto que, diante do atual cenário de degradação da Mata Atlântica e da perda acelerada de sua biodiversidade, torna-se necessário desenvolver estratégias de educação ambiental que despertem o interesse das novas gerações por esse patrimônio natural, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência ecológica mais crítica. A proposta também emerge de uma experiência pessoal da autora, construída a partir do contato frequente com o Parque Estadual Intervales desde a infância.

A pesquisa articula duas frentes principais de investigação: os estudos sobre o livro de artista e as discussões acerca das relações entre arte-ilustração e divulgação científica. As reflexões de Ulises Carrión (2011) e Julio Plaza (1982) sustentam a compreensão do livro como uma linguagem artística autônoma, cuja materialidade, organização espacial, ritmo e estrutura narrativa participam ativamente da produção de sentido, ultrapassando sua função convencional de suporte para textos. Paralelamente, autores como C. P. Snow (1996), Fernandes Junior e Caluzi (2020) discutem os limites impostos pela fragmentação entre arte e ciência, defendendo perspectivas interdisciplinares capazes de integrar diferentes formas de produção do conhecimento. Nesse contexto, as contribuições de Lacerda (2015) e Vieira (2010) evidenciam a ilustração científica como um campo híbrido que articula rigor informativo, potencial estético e mediação do conhecimento. Por sua vez, Chappell (2023) e Samaniego (2024) discutem como a aproximação entre práticas artísticas e investigação científica, fundamentada na criatividade e na interdisciplinaridade, favorece processos cognitivos mais complexos, estimulando a inovação, o pensamento crítico e a aprendizagem significativa.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Estadual de Campinas.
E-mail: a212712@dac.unicamp.br.



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



O processo de desenvolvimento do livro inicia-se com a seleção de espécies vegetais nativas, considerando suas características morfológicas, ecológicas e seus potenciais simbólicos. Em seguida, realiza-se um estudo botânico detalhado dessas espécies, registrando formas, cores e estruturas que servirão de base para a elaboração das ilustrações. A partir dessas observações, são criados seres fantásticos que reinterpretam poeticamente os elementos naturais, preservando relações formais e conceituais com suas referências botânicas. Paralelamente, desenvolve-se a estrutura material do livro, concebido em formato sanfonado, permitindo a coexistência de duas dimensões complementares: uma narrativa visual protagonizada por uma personagem exploradora da Mata Atlântica e um guia de campo ilustrado que reúne descrições ficcionais dos seres imaginários inspiradas em informações botânicas e ecológicas.

Até o presente momento, os resultados evidenciam o estabelecimento de uma base conceitual consistente, acompanhada pelo desenvolvimento de experimentações gráficas, narrativas e materiais que orientam a elaboração da versão final da obra. O processo criativo tem demonstrado que a criação de seres fantásticos constitui uma estratégia potente para mediar conhecimentos científicos por meio da imaginação, favorecendo uma aproximação mais afetiva com a biodiversidade da Mata Atlântica. As experimentações realizadas também evidenciam o potencial da narrativa visual como linguagem de produção de conhecimento, ampliando as possibilidades interpretativas do leitor e valorizando diferentes formas de aprendizagem. Do mesmo modo, o formato sanfonado mostrou-se capaz de integrar narrativa e catálogo ilustrado em um único objeto artístico, potencializando a experiência estética e expandindo as possibilidades de interação entre obra e leitor.

Ademais, reforça-se a hipótese de que a articulação entre arte e ciência ultrapassa uma relação meramente complementar, constituindo um espaço híbrido de produção de conhecimento no qual investigação científica, imaginação e experiência estética tornam-se processos indissociáveis. Ao transformar características botânicas em personagens ficcionais, Floresta Viva amplia o interesse pela flora brasileira sem romper com suas referências naturais, demonstrando que a fantasia pode atuar como importante mediadora da aprendizagem científica e da sensibilização ambiental. Ao mesmo tempo, a materialidade do livro participa ativamente da construção de sentidos, reafirmando sua condição de objeto artístico e pedagógico. Embora ainda em desenvolvimento, a pesquisa aponta para o potencial do livro ilustrado como dispositivo de mediação entre arte, ciência e educação, contribuindo para a construção de formas mais sensíveis, críticas e criativas de conhecer a biodiversidade da Mata Atlântica.

Palavras-chave: Livro ilustrado; Seres fantásticos; Mata Atlântica; Divulgação científica.

REFERÊNCIAS

CARRIÓN, Ulises. (2011). *A nova arte de fazer livros*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



CHAPPELL, Kerry. *Creativity and interdisciplinary learning: how arts integration transforms knowledge*. London: Routledge, 2023.

LACERDA, Aline. *Ilustração científica: arte e ciência em diálogo*. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

LUCISANO, F. R.; NEVES, M. C. D. *Uma análise das perspectivas inter e transdisciplinares na história da ciência presentes nos livros didáticos de física*. São Paulo: Revista PRÁXIS, ano IV, nº 8, 2012.

PLAZA, Julio. *O livro como forma de arte I*. São Paulo: Arte em São Paulo, n. 6, p. 19-34, abr, 1982.

PLAZA, Julio. *O livro como forma de arte II*. São Paulo: Arte em São Paulo, n. 7, p. 4-13, maio, 1982.

SAMANIEGO, Pablo. *Artistic practices and cognitive development in science education*. New York: Springer, 2024.

SNOW, C. P. *As duas culturas e uma segunda leitura*. São Paulo: Edusp, 1996.

VIEIRA, J. A. *Teoria do Conhecimento e Arte*. Goiânia: Revista Música Hodie, v. 9, n. 2, 2010.